

COMPONENTES ÉTNICO-CULTURAIS ORIUNDOS
DE GRUPOS DE IMIGRAÇÃO ITALIANA,
MATERIALIZADOS NAS HABITAÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

João Maria de Andrades¹

Neide Bellandi¹

Sílvia Ana Kramer¹

Suzana Lanzetta²

Resumo: O presente artigo trata da emigração de grupos de italianos que vieram para o Rio Grande do Sul, enfatizando os que radicaram-se em Pelotas-RS. Os pesquisadores deste trabalho detiveram-se em examinar a cultura material dos imigrantes representada principalmente, pelas habitações encontradas no distrito conhecido por Colônia Maciel. Assim pois, foram consideradas as características gerais de organização dos espaços e os elementos construtivos sem esquecer algumas considerações sobre a arquitetura religiosa dos imigrantes italianos, elemento aglutinador dos católicos.

Abstract: The present article treats the immigration of Italian groups which came to Rio Grande do Sul State, emphasizing the ones who settled in Pelotas-RS. The researchers of this survey dwelt to examine the material culture of the immigrants represented principally by the housing found in the District known as Colonia Maciel.

¹ Mestrandos em Economia Doméstica, UFPEL - Universidade Federal de Pelotas - RS, professores do Departamento de Economia Doméstica da FACIBEL

² Mestranda em Economia Doméstica, UFPEL, professora da Faculdade de Ciências Domésticas da UFPEL - Pelotas - RS

Faz Ciência	Francisco Beltrão	v.2	nº 01	p. 23-50	1998
-------------	-------------------	-----	-------	----------	------

So, it was considered the general characteristics of the organization of the spaces and the constructive elements, not forgetting some considerations about the religious architecture of the Italian immigrants, the agglutinating element of catholics.

Palavras-chave: *Habitacões; Imigraçãõ; Italianos.*

Introduçãõ

No Brasil é inquestionável a importância e a influência dos vários grupos étnicos vindos da península itálica nos séculos XIX e XX.

Por comodidade didática denominar-se-á italianos, no trabalho que aqui se apresenta, a todos os imigrantes vindos da região européia, hoje conhecida como Itália.

O aporte cultural dos imigrantes italianos na formação étnica do povo brasileiro deu-se não só através da religião e valores morais mas também através dos costumes, organização fundiária e concepção habitacional sendo esta última preservada até nossos dias. Este trabalho de preservação, em muitos casos, um verdadeiro artesanato, tem sido executado não só pelos descendentes de italianos "oriundi" mas também por muitos brasileiros que vêm na cultura destes imigrantes italianos um motivo de justa admiração.

Este trabalho fixa-se mais detidamente nos aspectos que se referem a habitação preservada e encontrada no município de Pelotas no Rio Grande do Sul.

Inicialmente, far-se-á um breve comentário sobre a península itálica passando-se logo após para o exame da política brasileira de colonização.

Em continuação serão vistos os aspectos gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul, destacando sempre as habitações dos colonos. E neste particular abre-se espaço para algumas considerações sobre os gêneros artísticos das manifestações religiosas dos italianos.

Por fim será examinada a influência da colonização italiana

no município de Pelotas, buscando-se encontrar na zona rural remanescências da habitação dos imigrantes italianos, principalmente na Colônia Maciel.

1. A Itália entre as décadas de 1860-1890

Falar em Itália como tal, antes da reunião de um parlamento, em Turim, no ano de 1861, que declarou Vitor Manuel II rei da Itália, é uma impropriedade histórica. E isto porque a península itálica na segunda metade do século XIX, era na verdade uma região europeia que muito embora fosse aparentada no tronco lingüístico possuía uma grande diversidade política.

Eram então, muitos os reinos ducados e Estados espalhados ao longo da península e que mantinham governo próprio. Ao sul, havia o “Reino das Duas Sicílias” com a capital em Palermo; no centro estavam os “Estados da Igreja” que gravitam em torno de Roma.

Na direção do norte a diversidade era maior e pode-se considerar como mais importantes: Toscana, Luca, Módena, Parma, Piemonte, Savóia, Lombardia, Vêneto e Sardenha, este no mar Tirreno e composto pelas ilhas da Córsega e Sardenha.

Destes, a circunscrição política que mais interessa a este trabalho é o Vêneto, localizado ao nordeste da Itália na fronteira com a Áustria. E isto porque foi desta região de idioma ou dialeto próprio que vieram a maioria dos italianos que se radicaram no Rio Grande do Sul.

Portanto somente após 1861, é que a palavra “Itália” incorpora um significado jurídico e político, quando então ocorre a “unidade italiana” e para que isto ocorresse não pode deixar-se de mencionar o nacionalismo como um dos principais motivos. É importante destacar as idéias de Giuseppe Mazzini cujo pensamento político contemplava a idéia de uma República unitária e ideais nacionalistas.

A situação social do período em referência era bastante tumultuada devido as mudanças não só políticas como também

ideológicas. A grande maioria da população da península italiana na época provinha do meio rural e era analfabeta; pouco ou nada entendendo sobre as reformas sociais e o nacionalismo que os grandes líderes, o rei Victor Manuel II e Giuseppe Mazzini e o Conde Cavour propunham.

Observa-se que no período não ocorreram modificações no sistema fundiário nem tampouco no que se refere a distribuição dos encargos sociais. E, esta situação que causava a penúria dos camponeses somada às constantes guerras entre os diversos reinos favoreceu a uma incalculável emigração de italianos em direção a outros países, entre eles o Brasil. Para a classe dirigente este movimento populacional não deixava de ter uma considerável importância, pois era uma maneira de manter o poder.

Outro aspecto importante, com referência a emigração é o súbito aumento da população européia no século passado. Isto não se deve só a falta de condições da população mas também ao desenvolvimento do capitalismo internacional. Esta situação também foi responsável pelo grande contingente de italianos, dos mais diversos reinos e regiões que aportaram no Brasil que mantinham governos próprios e somente a partir de 1860 é que tem início a chamada unidade italiana. Portanto, o termo "itália" no sentido jurídico e político só tem significado após 1860, tendo sido o nacionalismo um dos maiores motivos da unificação.

2. A política brasileira de colonização

As correntes migratórias que vieram para o Brasil no século XIX, excetuando-se a portuguesa, obedeceram a três ordens de fatores:

1º. O sistema capitalista, que aos poucos impunha-se nos principais centros financeiros tanto europeus como americanos;

2º. A renovação da mão-de-obra, principalmente nas grandes lavouras de café e algodão. Com isto o gradual desaparecimento da escravidão no Brasil, que a partir de 1850 teve seu fluxo interrompido praticamente em toda a América;

3º. A preocupação da elite burocrática portuguesa com transformação econômica no Brasil, quando este deixa de ser colônia e passa ser Império.

Ao Rio Grande do Sul, as correntes imigratórias proporcionavam três períodos perfeitamente característicos e distintos. O primeiro deles caracteriza-se pelas medidas em prol da divulgação e promoção da colonização e poder localizado desde o início do século XIX até 1830 aproximadamente.

O segundo período assinala uma supressão da colonização devido a relativa estabilização do sistema escravocrata, bem como os problemas causados pelo engajamento dos colonos na guerra dos Farrapos. Esta situação arrasta-se quase até 1850.

O terceiro período imigratório no Rio Grande do Sul ocorre após a Guerra dos Farrapos e a Decretação da Lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico negreiro para o Brasil. É uma época de estímulo a imigração e grandes contingentes populacionais são instalados nas diversas regiões da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

GIRON (1980 p.65) afirma que na segunda metade do século XIX, o Brasil apresentava transformações sócio-políticas ainda mais significativas no que concerne a substituição da mão-de-obra servil pela livre, e à política de terras. Quanto a primeira, serviu aos interesses racistas da elite cultural e política nacional que buscava o "branqueamento" da população brasileira. Quanto a segunda, necessitava de compradores para as novas mercadorias.

A idéia de povoar o Brasil com colonos europeus e não só portugueses data de 1750 quando o Conselho Ultramarino percebeu a imensidão do território brasileiro e a escassa população que possuía. Era necessário recorrer a outros povos para povoar principalmente São Paulo e a Colônia do Sacramento, fato este que originou a entrada de levas de emigrantes europeus de várias procedências.

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, surge legislação específica a respeito da colonização, com o que regulamenta-se a entrada e assentamento de colonos europeus no Brasil.

3. Os colonos italianos no Rio Grande do Sul

A data de 20 de maio de 1875 assinala, de modo oficial, o início da imigração italiana no Rio Grande do Sul, porém não é possível precisar quando vieram os primeiros colonos, muito embora estes já estivessem em solo gaúcho bem antes desta data.

Não há dúvida que antes desta data já havia colonos italianos disseminados nas colônias da Província. Muitos deles devem ter vindo como “austríacos”, por residirem em territórios então pertencentes à Áustria, mas etnicamente eram italianos. Dados do governo provincial revelam que entre 1859 a 1875 teriam entrado no Rio Grande do Sul cerca de 729 italianos. Pelo que se tem notícia, muitos destes imigrantes provinham de Montevideu e Buenos Aires, não sendo agricultores e passando a residir em cidades.

As primeiras colônias criadas pelo governo provincial foram as de Conde d’Eu e Dona Isabel em 1870.

Prosseguindo a obra de colonização provincial com o objetivo de atrair imigrantes para o Brasil em função do agravamento da crise de mão-de-obra freada pelo movimento abolicionista criou mais uma colônia em 1875 chamada Fundos de Nova Palmira. Este nome foi modificado para “Colônia Caxias” em 1877.

Neste mesmo ano o governo criou uma quarta colônia nas proximidades de Santa Maria chamada Colônia Silveira Martins. Estas quatro colônias foram o núcleo básico da colonização italiana. Emancipadas a Colônia Martins em 1882 e as demais em 1884.

Desde a Proclamação da República, o Rio Grande do Sul preocupava-se com a formação de novas colônias embora o Governo Federal até 1895 dirigia as antigas.

Pelo que competia ao Rio Grande do Sul, procurou este separar a colonização da imigração, criando órgãos específicos para dirigir cada uma delas. Quanto a imigração manteve-se, desde o início dentro de um percentual aceitável para o Estado, que em sua Constituição proclamara-se abertamente pela imigração espontânea e contra a subvencionada.

Os dados estatísticos demonstram que entre os anos e 1875 a 1914 entraram no Rio Grande do Sul entre 80 a 100 mil italianos.

A maior parte dos italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul são provenientes do Norte da Itália, região mais atingida pela crise econômica no momento da unificação.

A ocupação do solo na terra natal era bem diferente da encontrada aqui no Brasil. Na Itália eles habitavam no paese (vilarejo) indo ao trabalho pela manhã e voltando a noite. As áreas eram de poucos hectares e as famílias ficavam próximas.

Aqui no Brasil, os colonos foram assentados em regiões de mata virgem com lotes de 15 a 35 hectares, variáveis em caso de córregos de água e acidentes geográficos de monta neles existentes.

Confirmando este dado LARANJEIRA (1983 p.19) diz que "os imigrantes estabeleceram-se no sul do País, em pequenas propriedades de base familiar, pois pouco se infiltrariam no norte, dado o obstáculo que encontraram de terras vastamente apropriadas, isto é, os latifúndios, que sempre foram impeditivos à formação da propriedade familiar camponesa".

Distinto da maioria dos centros de imigração italiana do mundo, a colonização no Rio Grande era composta principalmente de famílias e não de indivíduos isolados. Isto teve um reflexo psicológico importante, facilitando a adaptação dos indivíduos na colônia por não se sentirem isolados.

Em média quando as famílias chegaram tinham de 1 a 4 filhos completando em terras brasileiras entre 10 a 15 filhos por família.

O grau de alfabetização era baixo, 37% dos homens e 63% das mulheres não sabiam ler. Assim mesmo a instrução deles era superior ao do Rio Grande do Sul da época, exceto os da zona de colonização alemã.

O dialetismo idiomático na Itália era muito grande. Em cada região praticava-se um dialeto diferente e os utensílios tinham designação específica em cada região. Como exemplo podemos citar a denominação do fogão doméstico chamado de fogolaro, focoler, larin ou fogolar.

Os italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul não conheciam a língua oficial, falando apenas um dialeto local, razão pela qual as autoridades brasileiras não os consideravam como grupos lingüísticos.

O projeto de vida dos imigrantes italianos vindos ao Brasil, caracterizava-se como revolucionário, pois apoiava-se na pequena propriedade cuja célula de produção era a família (pais e filhos) distinta, portanto, da grande unidade do engenho, fazenda ou da estância.

Este novo sistema colaborou para fazer sucumbir a escravatura, pois era uma sociedade livre na qual era proibida a introdução de escravos.

Os imigrantes ao sentirem-se proprietários de um lote colonial, fascinaram-se pela posse da terra representando para eles quase uma obsessão, considerando que de um momento para outro os deserdados tornaram-se proprietários, afirmando seu poder econômico dependente de seu esforço. O sistema financeiro vigente na Itália, que os mantinha em estado de pobreza, desenvolveu neles um espírito de poupança, o que fez com que sempre dispunham de uma pequena reserva financeira para ampliar alguma posse.

O colono italiano visava produzir os gêneros necessários para sua família e o excedente destinava ao mercado regional e nacional. Os produtos característicos foram ainda o trigo, o vinho e o milho. Este último, matéria-prima para a polenta, prato mais conhecido dos imigrantes. O milho também servia para a criação de suínos, e destes obtinha o salame e a banha. Porém o que mais caracterizou a imigração italiana foi o cultivo da uva e a produção do vinho. No início não havia muita preocupação pela qualidade, porém aos poucos, com o crescimento desta atividade e a importação de bacelos, a viticultura tornou-se uma grande expressão econômica na região de colonização italiana.

3.1. A religião do imigrante italiano

A imigração dos colonos italianos abalou de modo geral o seu mundo cultural, incluindo-se aí a crença religiosa. A relação

pessoa; igreja e Deus era muito relevante pois tratava-se de pessoas provenientes do meio rural, que tinham uma visão diferenciada dos moradores urbanos.

A religião era um fator de identificação cultural dentro de uma nova situação. O imigrante trouxe consigo uma profunda fé que foi um sustentáculo para enfrentar a nova vida, materializado na construção de capelas, campanários, capitéis e cemitérios.

O fator religioso foi inicialmente o motivo básico da formação das comunidades que progrediram da capela para a escola e desta para a recreação e organização social. Ainda hoje no interior dos municípios a capela é o ponto de convergência da vida social do colono.

Conforme DE BONI apud BERTUSSI (1983 p.133) “a reunião em torno da capela e das atividades por ela congregadas foi o meio que o colono encontrou para reconstruir seu mundo cultural e assim amenizar o abalo sofrido com o abandono do solo pátrio e a adoção de uma nova vida”.

3.2. As primeiras habitações dos imigrantes italianos

Os imigrantes ao se estabelecerem em suas glebas improvisaram suas casas, por muitos anos. No início aproveitaram a copada de árvores e recôncavos das rochas, utilizando como telhado até os lençóis trazidos para dormir. Como aquecimento usavam o fogo doméstico em chão batido.

Antes de construir suas casas com tábuas rachadas, serradas em serra manual e só bem mais tarde com serra mecanizada, foram feitas muitas experiências com casas recobertas com folhas de macega, de capim rabo-de-burro, de folhagem de coqueiros, até chegar ao pinheiro araucária pela facilidade de talhá-lo artesanalmente.

A rusticidade com que viviam os imigrantes italianos nos primeiros anos se mostrava também na forma do preparo de sua alimentação. O “fogolaro”, fogão doméstico era em forma de um quadrilátero de madeira revestido de terra batida dentro do qual se fazia o fogo. Este era aberto e a fumaça escoava pelo teto no

espaço entre os caibros de sustentação do telhado e o próprio telhado.

3.3. A residência definitiva e a organização doméstica dos italianos

A residência definitiva, mais tarde, era localizada onde recebesse o sol matinal, em terreno inclinado para fazer o porão ou cantina sem necessidade de grandes escavações. Outra preocupação era a presença de córregos, riachos ou rios para uso doméstico e água para os animais. Já no entanto BERTUSSI (1983 p.125) diz que ao receber o lote rural para implantar a colônia o imigrante recebia pronta ou fazia pequena casa, servia inicialmente para todas as funções: comer, dormir e estar.

Um aspecto fundamental que o autor ressalta é o da auto construção, entendendo como processo de auto construção e auto produção aquele que não tem a interferência em qualquer nível de um técnico especializado. Esta auto produção ou construção está ligada a fatores sociais e econômicos, proveniente da situação de pré-indigência em que se encontravam a maioria dos colonos ao chegarem ao Brasil.

Tendo em vista as dificuldades extremas de transporte e a precariedade das estradas tornava-se impossível levar até a colônia madeiras serradas, pois estas existiam apenas nas sedes municipais.

Em contrapartida, era abundante no local a rocha de basalto e a madeira, sendo por esta condição os materiais mais usados e no conjunto das manifestações residenciais mais importantes.

Assim, inicialmente na construção das casas de alvenaria eram usadas pedras "in natura", quase roliças recolhidas da superfície do solo. As maiores eram destinadas ao alicerce, pouco fundo e aos cunhais. Depois de algumas fiadas, as paredes subiam duplas, aparadas cada uma no lado extremo e o centro eram preenchidos com pedras menores e uma argamassa de terra vermelha e água que era pisoteada até que apresentasse uma certa liga. Para garantir maior estabilidade das paredes os vãos das portas e janelas eram providos de espessos marcos confeccionados de madeira lascada à machado, malho e cunha.

Ainda com a intenção de melhor transmitir os re-esforços, o dintel e o peitoril, ultrapassava o externo das ombreiras dos marcos, tornando-os expansivos embutidos na alvenaria.

Se por um lado o imigrante dominava a pedra com maestria o mesmo não acontecia com a madeira. É comum encontrar-se um exagerado dimensionamento das peças nas estruturas dos entrepisos. Não era raro encontrar pinheiros inteiros com 50 a 60 cm de diâmetro destinados a receberem o peso do assoalho em vãos, de no máximo 5 a 6 metros.

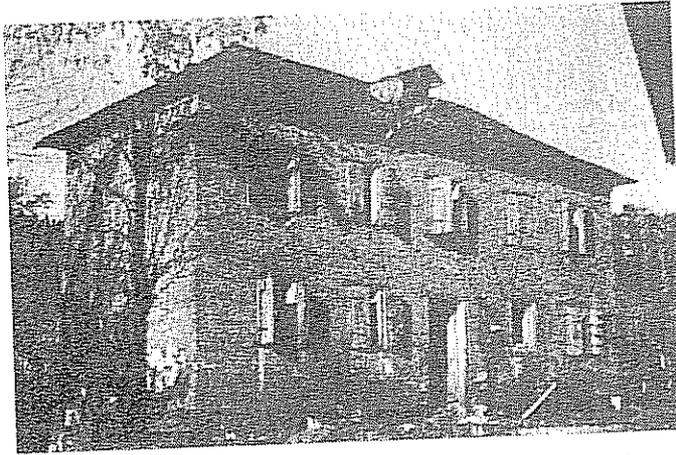


Figura - 1. Casa de tijolos domésticos da família Cecone, em Monte Belo, Bento Gonçalves.

Fonte: BERTUSSI -(1983 p. 139).

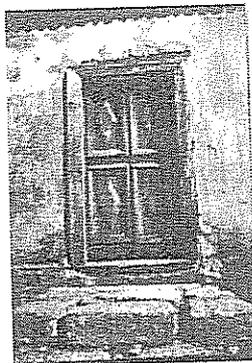


Figura 2. Os vãos das janelas eram resolvidos de maneira simples e coerente com os materiais empregados.
Fonte: BERTUSSI (1983 p. 139).

3.4. A arquitetura dos colonos italianos

O autor Costa (1976 p.17) chama atenção para a denominação **Estilo Colonial Italiano**, dizendo ser esta denominação usada de forma não apropriada pois estilo é uma palavra usada com muita facilidade e confundida com processos técnicos, preferindo ele a denominação de Arquitetura Colonial Italiana. Os exemplares arquitetônicos que ainda restam dos imigrantes, não permitem uma generalização total, mas permite identificar algumas características.

A grande variedade de materiais e processos de construção confirmam a inexistência de normas estabelecidas. O autor comparando a arquitetura italiana numa viagem a Vêneto em 1973 afirma que a arquitetura na Itália somente serviu como uma orientação geral para os imigrantes pois estes construíram as instalações para a vida doméstica como melhor lhes convinha, aparecendo até construções medíocres comprovando uma visível decadência da arquitetura italiana.

Características dos espaços organizados na casa do imigrante italiano

Geralmente a casa apresentava três pavimentos. O pavimento inferior parcialmente escavado, o porão usado como cantina para fabricar e conservar vinho e como depósito de materiais. Nele não havia divisões internas, somente alguns pilares decorrentes do emprego da tesoura grega e para a segurança de sua estrutura.

No segundo piso era a moradia propriamente dita. Nele localizavam-se os dormitórios, a sala de visitas, pouco usada, situada no centro anterior da casa. Uma escada estreita e íngreme de madeira levava ao terceiro pavimento chamado sótão ou sobrado, com pé direito baixo, junto às paredes externas ampliado pela água furtada ou somente formado por esta. O sótão não tinha divisões e servia de celeiro.

A cozinha era quase sempre construída isolada da casa. Em construções rurais recentes era unida por um corredor coberto à casa. A cozinha, muito simples com fogo de chão sobre o qual pendurava-se uma corrente no teto para sustentar as panelas. Ao redor do fogo tinha bancos ou cadeiras para a reunião da família e dos vizinhos onde conversavam e faziam orações. Havia uma mesa para refeições, caixa com tampa para farinha (tulha), e lugar arejado para salame e queijo. A cozinha funcionava como sala de estar, que em alguns lugares tinha dois ambientes, cozinha e copa, separados em duas pequenas salas. O uso residencial da casa se restringia aos dormitórios e em ocasiões como enterros, casamentos e visitas importantes se transformava em sala de visitas.

Próximo a casa ficava o forno para o pão em forma de abóbada, construído com tijolos sem revestimento, com cobertura. Existia também o estábulo com uma galeria para guardar o feno dos animais; a latrina de tábuas; o abastecimento de água com poço, fonte ou regato.

Características dos elementos construtivos

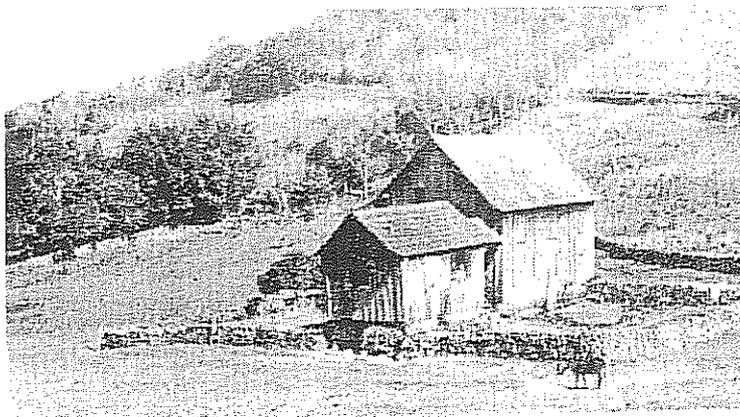


Figura 3. Casa da família Guzzo, em Vila Flores, Veranópolis. O volume cozinha-jantar fica ligado ao estar-dormitórios por um corredor coberto. cobertura em tabuinhas. Simplicidade domiciliar das primitivas residências rurais fica enriquecida pela grandiosidade da paisagem natural e das lavouras e cercados feitos pela mão humana. Fonte: COSTA (1976 p.41).

- a) **Cobertura:** no início as telhas eram de madeira rachada, denominadas scandole. Era raro ver telhas capa-canal (portuguesas) originais. Com o passar dos anos, as tabuinhas eram substituídas por telhas de barro (canal ou francesas) ou de ferro galvanizado (zinco, impropriamente chamados).
- b) **Paredes:** o material usado era pedra, tijolo e madeira. Em paredes divisórias de ambientes internos as vezes era encontrado estuque de calça e barro sobre uma trama de taquara e galhos.
- c) **Pisos:** nos porões era chão batido. Quando não há porão vemos no térreo o mesmo chão batido, ou pavimentação em pedra (lajes), tijolos e também em tábuas, afastadas do solo para evitar

a umidade e ventilar a parte inferior (o pinho não ventilado nas duas faces, apodrece). Nos pavimentos superiores, sempre encontramos piso em tábuas de pinho (eventualmente de lei), apoiadas em barrotes serrados ou falquejados.

- d) **Forros:** raramente existia qualquer tipo de forro. No sótão existia o telhamento e as próprias tábuas do piso eram o forro do pavimento inferior, deixando aparecer os barrotes de sustentação.
- e) **Aberturas:** a janela típica apresentava dois postigos feitos com tábuas pregadas a duas travessas à altura das dobradiças, ou a uma moldura larga. Não havia o uso de vidros, nem venezianas. Estes elementos só apareceram mais tarde nas construções rurais da região.
As portas internas eram semelhantes aos postigos das janelas. Nas portas externas geralmente as tábuas eram pregadas na horizontal ou levemente em diagonal frisadas com plainas especiais.
- f) **Revestimento:** embora a época fosse de exageros decorativos em cornijas e aplicações de gesso, a casa do imigrante era muito simples, deixando os materiais naturais como na arquitetura contemporânea.

3.5. A arquitetura religiosa do imigrante italiano

DE BONI e COSTA (1982, p.144) dizem que o espírito associativista que se desencadeou no imigrante italiano de forma deslumbrante deve-se, em grande parte, à valorização da religião como culminância de sua vida e, de modo particular, ao fato de a maior parte dos grupos italianos serem católicos praticantes.

As capelas surgiram numerosas em toda a colônia italiana. A divisão do número de famílias para cada capela foi surgindo espontaneamente, conforme combinação entre amigos e vizinhos. Escolhia-se um lugar que ficasse central, geralmente no alto, numa colina, para a igreja ser vista de longe e para mais facilmente ser ouvido o repique dos sinos. O terreno era oferecido por algum sócio da área escolhida. Os demais colaboravam com pinheiros,

árvores de madeira de lei para as colunas mestras ou para o vigamento e todos colaboravam com o trabalho de mão-de-obra.

Os imigrantes italianos e descendentes não criaram um estilo próprio de igrejas, mas imitaram formas do passado europeu, atendendo em geral à aprovação ou sugestão dos sacerdotes. As primeiras capelas foram construídas de forma mais simples, à semelhança das casas, apenas mais altas com uma cruz à frente, o arredondado da sacristia nos fundos ou nos lados.

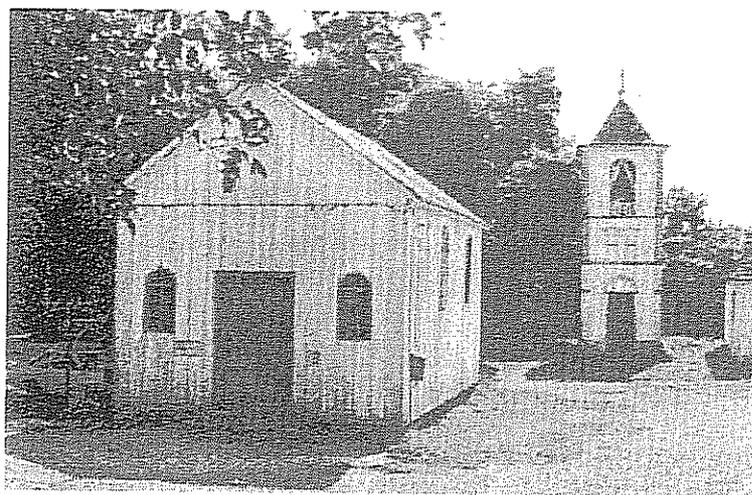


Figura 4. Capela em madeira primitiva, em Santa Bárbara, Bento Gonçalves.
Fonte: BERTUSSI (1983 p. 147).

POSENATTO apud COSTA (1976 p.92), diz existir nas igrejas matrizes dos imigrantes italianos, especialmente em Caxias do Sul (Catedral), Garibaldi, Veranópolis, Flores da Cunha, Guaporé e Vacaria (Catedral), um gênero artístico que não é o gótico porque este pertenceu à europa medieval, mas sim um Neo Gótico ou Gótico de imitação. Lembra também da conveniência em fazer uma diferença entre técnica e estilo. Sob o ponto e vista técnico o Gótico representa a culminância da estrutura de pedra, na qual a

ogiva diminuía o empuxo horizontal nas paredes, o arcobotante absorvia este empuxo, e o sistema de nervuras em leque recolhia e canalizava para os pilares os esforços de compressão na estrutura da abóbada.

Em relação ao estilo existia a busca de espiritualização e leveza empregando pés direitos muito elevados, colunas formadas por feixes de colunetas, grandes áreas de vitrais buscando espiritualizar a luz material do exterior. Os vitrais eram em forma pontiaguda que conduziam o olhar para o alto.

Na verdade a técnica e o estilo sempre estiveram presentes em harmonia durante a história. De um lado as exigências das leis naturais e do outro as aspirações do espírito humano.

Outro aspecto importante na arquitetura religiosa imigratória são os campanários, construídos quase sempre separados da capela. Eram muito criativos, em madeira, pedra ou tijolo, com perfil elegante e de bom gosto, sobressaindo muitas vezes a base em forma de tronco de pirâmide. Algumas vezes sua estrutura era singela de madeira para sustentar um ou mais sinos com uma cobertura de proteção com duas águas.

Sobre capitéis COSTA diz que o costume de construir pequenas ermidas ao longo dos caminhos, principalmente nas encruzilhadas, foi trazido da Itália. Estas ermidas, regionalmente chamadas de capitéis (não há relação com a parte superior da coluna clássica, além da identidade do nome), as vezes belas, originais mesmo, porém outras vezes apresentam formas grotescas principalmente nas construídas recentemente. São de madeira, tijolos ou pedra, ora desenvolvem uma linguagem própria ou com mais frequência copiam simplificada a arquitetura religiosa de maior porte.

Ao fazer menção aos cemitérios, COSTA afirma que “após o início do século XX surgiram os túmulos de alvenaria. Antes e mesmo depois, mortos eram enterrados em covas no chão que depois de recobertos recebiam na cabeceira uma cruz de madeira ou ferro. A variedade das formas de cruces eram grandes, junto ao pé ou no encontro dos braços, cunhada em italiano era feita a identidade do morto numa placa ou medalhão de latão”.

Os primeiros cemitérios eram divididos em setores: um para crianças não batizadas outro para crianças batizadas e outro para adultos. Fora do muro de pedra era o lugar para os não praticantes católicos, os suicidas, os pecadores públicos e os que se negavam a contribuir para as despesas da comunidade com a capela.

BERTUSSI (1983 p.135) ainda cita que do lado de fora do muro eram sepultados também os elementos maçons e hereges. Diz ainda que os jazigos de alvenaria são recentes, contendo na cabeceira estelas de forma piramidal terminada em cruz ou retáculos com nicho para santos. Eram construídas também capelas funerárias com uma ou duas fileiras para ataúdes e um altar interno. A construção era em tijolos ou pedra talhada, telhado em duas águas e a cobertura de telhas francesas.



Figura 5. Cruz de ferro com indicador dos ventos (Monte Berico, Veranópolis).

Fonte: BERTUSSI (1983 P. 109).

4. O imigrante italiano no município de Pelotas

O município de Pelotas se estende das mais baixas ondulações da encosta oriental da Serra dos Tapes até a planície sedimentar da margem ocidental do Canal São Gonçalo.

Quanto a origem do nome, dizia-se que os indígenas riograndenses usavam uma canoa de couro para a travessia dos rios. E que a batizaram de pelota. Hoje uma versão nova assegura que a pelota tem origem marroquina e que era desconhecida pelos aborígenes.

Indígenas ou marroquinos o certo é que o Arroio Pelotas recebeu o nome das embarcações freqüentemente utilizadas na sua travessia. Depois, a partir da proliferação das charqueadas nas terras marginais do arroio, o termo “Costa do Pelotas” passou a designar, genericamente a região. Por fim, a Vila de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de cidade e após muita discussão aprovou-se o nome de “Pelotas”, em homenagem ao fato histórico que aglomerara com rapidez a gente e a riqueza da localidade.

Segundo VAROTO (1995 p.37), a povoação iniciou onde, fugindo da invasão espanhola, em 1763, muitos habitantes da Vila de Rio Grande buscavam refúgio em terras pertencentes a Thomás Luiz Osório. Pouco mais tarde, em 1777, a Colônia do Sacramento, foi também invadida pelos espanhóis, fazendo com que parte de sua população buscasse abrigo em outras regiões. Vieram então juntar-se aos retirantes da Vila de Rio Grande. Os recém chegados, eram essencialmente religiosos e trouxeram consigo uma imagem de São Francisco de Paula, até hoje preservada na Catedral de Pelotas.

O município de Pelotas é composto por grandes paisagens naturais: a planície, ao sudeste, e a região serrana, a noroeste. Na planície, localizaram-se os latifundiários e as charqueadas movidas pelo braço escravo. A região serrana de pequenas propriedades era destinada ao assentamento dos imigrantes europeus para desenvolverem a policultura e a pecuária de subsistência.

A colonização da região serrana de Pelotas foi quase que exclusivamente feita por capitais particulares e de forma muito intensa. Conforme o relatório de 1922, encaminhado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osório, identifica-se para o ano de 1900 sessenta e uma colônias, porém apenas quatro delas oficiais: a Municipal criada em 1882 e as colônias Accioli, Afonso Pena e Maciel criadas pelo Governo Imperial no ano de 1885.

Destas quatro colônias oficiais apenas a Colônia Accioli não era composta por famílias italianas.

BECKER (1958 p.322) utilizando livros de registro fez a transcrição de muitos estrangeiros que entraram em Pelotas nos

anos 1843 e 1844. Com base nestes dados ANJOS (1996 p.54) elaborou o seguinte quadro:

Quadro 1. Registro de Entrada de Estrangeiros em Pelotas entre 1843 e 1844.

NACIONALIDADES	ENTRARAM EM PELOTAS	POSSUÍAM PROFISSÕES URBANAS
Franceses	116	91(78,44%)
Espanhóis	73	62(84,93%)
Portugueses	68	66(97,05%)
Italianos	53	41(77,35%)
Uruguaios	33	28(84,84%)
Argentinos	21	17(80,95%)
Alemães	8	7(87,50%)
Ingleses	4	4(100,00%)
Totais	376	316(84,04%)

Fonte: ANJOS (1996 p.54).

No período compreendido entre 1850 e 1900 foi preponderante a presença do elemento português. Em segundo lugar aparecem os grupos alemães e italianos. Entre 1850 e 1875 predominaram os alemães e entre 1876 e 1900 predominaram os italianos. Este período comprova a sintonia da chegada destes em Pelotas com o surto imigratório que foi promovido pelo Governo Imperial e Provincial. Nos últimos vinte e cinco anos do século XIX o italiano, dentre os estrangeiros não portugueses foi o elemento que predominou na zona urbana de Pelotas, demonstrado no quadro abaixo, CUNHA, Alberto Coelho. Manuscrito, s.d. vol. 660 c. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas-RS.

Quadro 2. Recenseamento Urbano de 1899.

ELEMENTO ESTRANGEIRO	RESIDINDO NA ZONA URBANA
Italiano	654
Uruguai	482
Espanhol	457
Alemão	291

Fonte: CUNHA, apud ANJOS (1996 p.74)

Pode-se dizer que os italianos participaram da modernização da cidade de Pelotas trabalhando em pontes e prédios, como pedreiros e os arquitetos José Izella Merote e Guilherme Marcucci, nos anos de 1860, participaram ativamente da formação do ambiente urbano.

Caracterizada pelo estilo neo-renascentista, misturada a detalhes do barroco e adaptações locais, as mais ricas edificações pelotenses do século passado surgiram a partir da década de 60. Alguns exemplos podem ser ainda hoje admirados: a Santa Casa de Misericórdia, a Beneficência Portuguesa e os prédios do conjunto neo-renascentista da atual Praça Coronel Pedro Osório, algumas dessas obras com uma certa inspiração neoclássica.

A quantidade de imigrantes era tão expressiva que propiciou a formação de Entidades Italianas como a “Unione” e “Philantropia” e a “Sociedade Primitiva”, esta fundada em outubro de 1873.

Sentindo a necessidade de registrar traços característicos da arquitetura italiana no meio rural, visitou-se a historiadora Heloísa Assumpção do Nascimento que nos indicou a existência de construções remanescentes da imigração italiana na Colônia Maciel.

Nestas construções constata-se o emprego de pedras de basalto “in natura”, rejuntadas com barro no primeiro pavimento. Na parte superior, foi empregado madeira lascada, tanto para o assoalho, como paredes, bem como troncos para a sustentação do assoalho e da cobertura, sendo esta composta de telhas capachanal.

Um detalhe importante é a ausência de divisórias, tanto nos pisos inferior e superior, o que os diferencia, dos citados na bibliografia, como características da casa do imigrante italiano.

Segundo o depoimento de Loeci Casarin, descendente da 4ª geração, a cozinha, que não mais existe, localizava-se em peça separada, assim como as divisórias que existiam no piso superior.

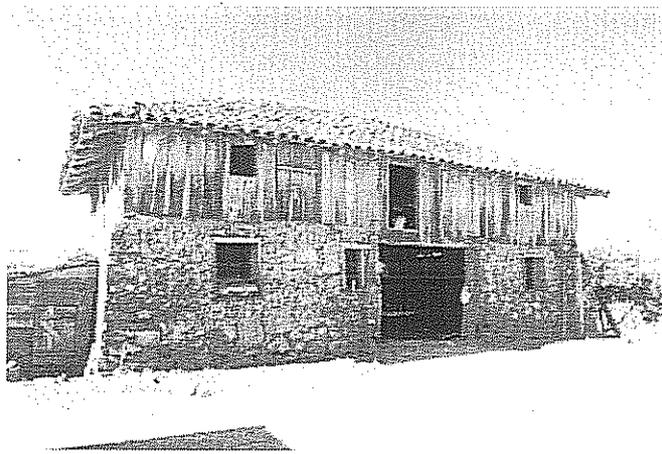


Figura 6. Casa de pedra construída por Giusti Casarin no ano de 1888.
Fonte: pesquisa de campo 1996.

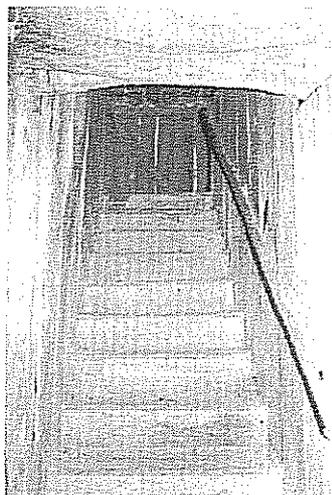


Figura 7. Escada de madeira lascada que dá acesso ao piso superior da casa.
Fonte: pesquisa de campo 1996.



Figura 8. Vista geral do pavimento superior.
Fonte: pesquisa de campo 1996.

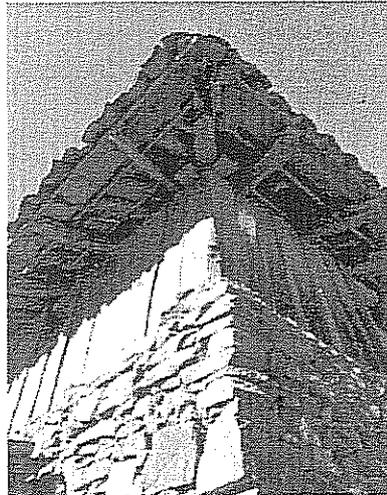
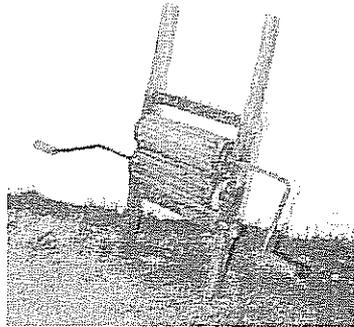


Figura 9. Detalhe parcial da cobertura, parede em madeira e pedra.
Fonte: pesquisa de campo 1996.

Ainda conforme depoimento do entrevistado Pietro Casarin, foi Giusti Casarin quem construiu a casa, já com influência

portuguesa na fachada, devido o auxílio de um pedreiro português. No entanto, o interior da residência mantém os costumes italianos, caracterizado pela cozinha como uma extensão da casa com vestígios de um fogão de chapa e um tanque com água corrente. Nesta habitação existe ainda uma pipa de carvalho na qual se fabricava o vinho.



Figuras 10 e 11. Esmagador de uva e pipa de carvalho.
Fonte: pesquisa de campo 1996.

Loeci Casarin também afirmou que seu pai, João Casarin, promoveu há dois anos um encontro com todos os descendentes dos Casarin em uma festa que contou com mais de 500 pessoas. Nesta festa solicitou, para fins de registro da memória dos imigrantes, objetos pessoais trazidos na imigração, ou usados por eles e seus descendentes.

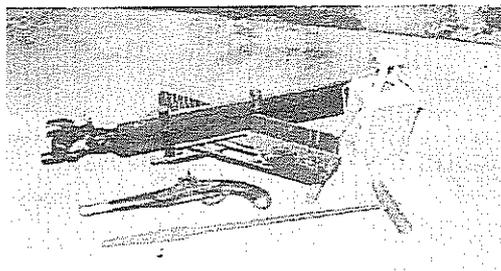


Figura 12. Furador de pipa, lampião, garrucha e serrote trazidos da Itália por Giusti Casarin. Fonte: pesquisa de campo 1996.

As literaturas demonstram a grande religiosidade do imigrante, o qual está presente na comunidade, representada pela Igreja Matriz de Sant'anna, cuja obra iniciou em 1928 e foi concluída em 1930.

A sua arquitetura preserva algumas características italianas. Como a torre, que mede 21 metros de altura, no qual localizam-se sinos provenientes da Itália.

A altura interna é de 8m, com 22 metros de comprimento e 9 metros de largura. Estes dados estão registrados num quadro no interior da Sacristia, no qual está descrito o número de tijolos empregados (115 mil), e o nome de todos os membros da comunidade que contribuíram com doação financeira, bem como os respectivos valores e os serviços gratuitos, os quais totalizaram mais de 500 dias de trabalho, na condução de tijolos, pedras e areia. Os membros da comunidade exerciam as funções de serventes, e transporte de materiais com carretas e carroças, sendo que alguns trabalharam mais de 20 dias nestas atividades.

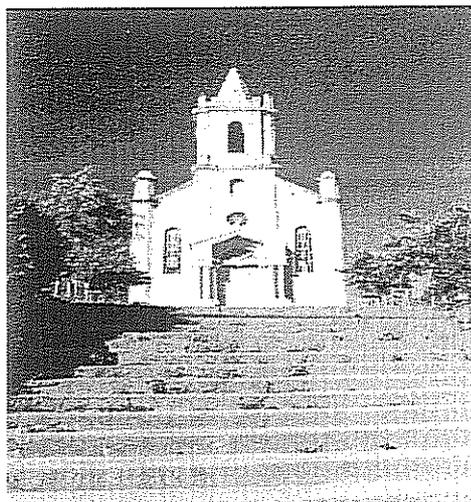


Figura 13. Igreja Matriz de Sant'anna, Colônia Maciel, Pelotas-RS.
Fonte: pesquisa de campo 1996.



Figura 14. Vista interna da igreja Matriz de Sant'anna.
Fonte: pesquisa de campo 1996.

Procuramos também investigar a existência de arquitetura italiana em outras colônias.

Na colônia Rincão da Cruz, encontramos um galpão de madeira lascada, de propriedade de Irene Casarin Scaglioni, descendente também de Giusti Casarin. Nas colônias Santo

Antônio, Bachini, Gruppelli, existem informações da existência de moinhos e casas de imigrantes italianos, mas não conseguimos acesso a estas propriedades, pois precisaríamos de uma autorização ou da companhia de um membro expressivo da comunidade.

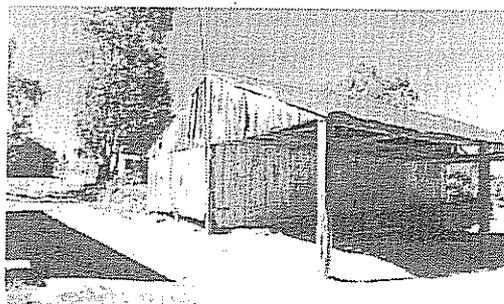


Figura 15. Galpão em madeira lascada localizado na propriedade de D. Irene Casarin Scaglioni, localizado na Colônia Rincão das Cruzes, Pelotas-RS. Fonte: pesquisa de campo 1996.

Considerações finais

Através do estudo bibliográfico dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, constata-se que a preocupação dos historiadores é em especial pela região serrana (Caxias do Sul) e dos que imigraram depois de 1875.

Verifica-se nesse trabalho que no município de Pelotas-RS, nos anos de 1843 e 1844 existiam 53 habitantes italianos, desses, 77,35% com profissão urbana (profissionais da construção civil), esse número aumentou em 1899 para 654 italianos na zona urbana; os quais contribuíram de maneira significativa para a expansão da paisagem da cidade de Pelotas, bem como em vários componentes culturais representados pela religião e pelos gêneros artísticos empregados nas construções.

Embora os imigrantes italianos da zonas rural de Pelotas tenham vindo para terras de planície, o governo assentou-os nas áreas mais altas da região, os quais preservaram as características

étnico-culturais do restante da imigração italiana do Rio Grande do Sul.

Igualmente é importante observar que em geral as habitações dos colonos italianos eram compostas de porão, a casa propriamente dita e o sótão, satisfazendo suas necessidades básicas.

Em relação a estrutura fundiária do colono italiano, assentado com base na pequena propriedade, ou agricultura de subsistência, significou para o país uma experiência revolucionária, opondo-se aos sistema vigente (latifúndio), auxiliando no desaparecimento da escravatura, pela mão-de-obra ser restrita à família.

Referências Bibliográficas

- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Entidades Associativas de Estrangeiros em Pelotas no Último Quartel do Século XIX**. s. l.: s. e., 1996.
- _____. **Estrangeiros e Modernização: A Cidade de Pelotas no último Quartel do Século XIX**. Dissertação de Mestrado: Porto Alegre, 1996.
- BECKER, Klaus. **A Imigração no Sul do Estado de 1852 - 1944**. In Enciclopédia Rio Grandense. 5 v. Canoas: Editora Regional, 1958.
- BERTUSSI, Paulo Iroquez et all. **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- COSTA, Rovílio. **Antropologia Visual da Imigração Italiana**. Porto Alegre: Vozes, 1976.
- DE BONI, Luis A . & COSTA, Rovílio. **Os Italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Vozes, 1982.
- GIRON, Loraine Slomp. **A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: Fatores Determinantes in RS: Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- LARANJEIRA. Raymundo. **Colonização e Reforma Agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- VAROTO, R. L. M. & SOARES, L. A . dos. **Lendo Pelotas**. 2ª Edição. Pelotas: UFPEL, 1995.